



CAMINHOS METODOLÓGICOS TRILHADOS NA EXPERIÊNCIA DA PESQUISA: GRITOS, SILÊNCIOS E SEMENTES: AS REPERCUSSÕES DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA SOBRE O AMBIENTE, O TRABALHO E A SAÚDE DE MULHERES CAMPONESAS NO BAIXO JAGUARIBE/CE¹

SILVA, Maria de Lourdes Vicente da²

²¹ Militante social e douranda em Educação na UFC

RESUMO

Este trabalho é parte da pesquisa de mestrado no Programa de Desenvolvimento e Meio ambiente e versa sobre a trajetória metodológica do estudo que se refere às trajetórias de vida de mulheres camponesas que vivem na região do Baixo Jaguaribe – Ceará. Insere-se na busca de análise em relação à chegada da modernização agrícola e como tem repercutido nos diferentes modos de vida de mulheres camponesas em territórios marcados por conflitos ambientais. Buscamos aprofundar, à luz da experiência das mulheres camponesas e da teoria feminista, os processos dessa lógica econômica capitalista e as transformações que homens e mulheres sofrem direta ou indiretamente em seu meio cultural, social e ambiental entendendo que eles e elas se inserem também em um processo dinâmico e dialético, vão resistir e criar formas de relacionar-se com o universo complexo do trabalho e do ambiente em que vivem. A partir da ideia de ‘conhecimento situado’ e das histórias de vida, analisamos essas repercussões para chegarmos a algumas análises (in)conclusas desse processo, temos a compreensão da complexidade do problema envolvendo as transformações no mundo do trabalho, na saúde e no ambiente, os conhecimentos e experiências das mulheres camponesas nesse contexto como sujeitos da pesquisa.

PALAVRAS CHAVES: Mulheres Camponesas, Metodologias Feministas, Conflitos Ambientais.

INTRODUÇÃO

Discutir *Feminismo* e *Ciência* requer, no mínimo, muita cautela, afirma Sardenberg (2002) em seus estudos sobre epistemologia feminista. Estes dois termos se referem, segundo a autora, a zonas contestadas e contestáveis em si próprias, e tentar justapô-las torna a questão muito mais complexa e polêmica (HERDING, 1991). A começar pelo fato de que, dentro dos parâmetros da Ciência Moderna, falar de uma ciência feminista significa aludir, no mínimo, a uma “contradição em termos” (HERDING, 1987, p. 182).

Afirmamos que as práticas científicas feministas só têm sentido enquanto práxis política de uma ciência emancipatória que produza e que dissemine saberes “que não sejam apenas *sobre* ou *por* mulheres, mas também de relevância *para* as mulheres e suas (nossas) lutas”. (Idem, p. 89). Contrariamente, “a ciência moderna objetivou a nós, mulheres, negou-nos a capacidade e autoridade do saber, e vem produzindo conhecimentos que não atendem de todo aos nossos interesses emancipatórios” (ibidem, p. 89). Por conseguinte, é possível questionar a exclusão das mulheres como um princípio estruturador fundamental e um pressuposto dos discursos patriarcais fortalece as pensadoras feministas, as quais vêm:

Colocando em questionamento os parâmetros científicos definidores de quem pode ou não ser sujeito do conhecimento, do que pode consistir como conhecimento, ou mesmo o que pode ser conhecido (WESTKOTT, 1979; CODE, 1991). Entretanto, por muito tempo, a questão da relação sujeito/objeto permaneceu ambígua nas posturas assumidas (MIES, 1998). Como deveriam as mulheres, enquanto “sujeitos

¹ Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFC, 2014.



do conhecimento”, se colocarem em relação ao “sujeito/objeto”? (SARDENBERG, 2002, p. 91)

A possibilidade de romper com muitos desses impasses, amplia horizontes para uma teoria feminista - ou para as teorias feministas -, alicerçando no debate sobre gênero, o objeto teórico para as investigações feministas. A necessidade de novas abordagens tem demonstrado o caráter histórico, social e político das construções científicas que permite um “sacudir dos fundamentos sociais, políticos, científicos e metafísicos dos sistemas teóricos patriarcais” (GROZ, 1995, p. 88), ainda que marcada por muitas ambivalências e tensões (COSTA, 1996), (SARDENBERG, 2002, p.92).

De acordo com Keller (1996), a ciência moderna se desenvolveu a partir de uma estruturação conceitual do mundo que incorporou, no seu vértice, ideologias de gênero historicamente específicas, ainda hoje evidentes na cultura e nas práticas das ciências naturais. De fato, afirma Sardenberg, instrumentada por um olhar desconstrucionista, a crítica feminista “tem avançado da mera denúncia da exclusão e invisibilidade das mulheres no mundo da ciência para o questionamento dos próprios pressupostos básicos da ciência moderna, virando-a de cabeça para baixo ao revelar que ela não é, nem nunca foi neutra” (idem, p. 94). Há nessa afirmação uma questão-chave sobre o avanço da crítica para a construção de uma ciência feminista, em que novas perspectivas analíticas são necessárias para exprimir novos paradigmas de produção do conhecimento que levem em conta as inúmeras e diferentes experiências que vivenciam as mulheres na contemporaneidade. Ela proporciona centralidade às articulações da vida material e simbólica, estabelece conexões entre produção e reprodução social, divisão social e sexual do trabalho, ciência e ideologia, economia e política. Dessa maneira, ganha relevância e sentido desvendar situações ocultadas pelos estudos tradicionais e pela visão androcêntrica do mundo, especialmente no que se refere ao campesinato.

Nessa lógica, acreditamos que os acúmulos feitos pelas teorias feministas apontam para uma compreensão de que a ciência tanto pode ser campo de reprodução de um conhecimento e uma cultura que desvaloriza a mulher como pode constituir-se em estratégia de desnaturalização da opressão de gênero e legitimação das mulheres como sujeitos de um conhecimento potencialmente crítico e transformador. Segundo Carrasco, existem duas grandes razões ocultas da invisibilidade da mulher, nas ciências e na cultura:

Uma mais antiga, de caráter ideológico patriarcal, e outra, possivelmente mais recente, de caráter econômico. A primeira está relacionada com as razões do patriarcado. Sabe-se que, em qualquer sociedade, o grupo dominante (definido por raça, sexo, etnia etc.) define e impõe seus valores e sua concepção de mundo: constrói estruturas sociais, estabelece as relações sociais de poder; elabora o conhecimento e desenha os símbolos e a utilização da linguagem. Mas, além disso, tais valores tendem a assumir a categoria de universais, com o que se invisibiliza o resto da sociedade. (CARRASCO, 2003, p.18)

Como tentativa de rompimento dessa lógica que invisibiliza as mulheres, reconhecendo-as como sujeitos de conhecimento, de saberes e de experiências, e consciente das tensões, divergências e



contradições postas aos estudos feministas, assumimos para o nosso estudo a ideia de Sardenberg, baseada nos estudos de Anderson (2001), qual seja, a noção de um “conhecimento situado”, cuja definição é “um conhecimento que reflete a perspectiva ou posicionalidade dos sujeitos cognoscentes, sendo gênero um dos fatores determinantes na sua constituição” (SARDENBERG, 2002, p.98). Ainda que essa ideia provoque implicações e concepções diferentes nas correntes feministas, a percebemos enquanto potencial de olhar para a ciência como um produto social, um processo dialético moldado pelos contextos sociais e políticos. Para isso, considerando os limites de optar por um ou outro tipo de olhar, almejamos aliar o pensamento feminista a outros estudos sociais, que possam dar conta de apontar e desconstruir dicotomias a partir da visão das mulheres em seu contexto de vida.

Sobre a Metodologia da Pesquisa de Campo: As Mulheres como Sujeitos do Conhecimento

A aventura pedagógica de fazer pesquisa com mulheres camponesas no território em conflito nos coloca numa perspectiva de produção de conhecimento que seja capaz de romper com a lógica androcêntrica e colonialista de construção do conhecimento e nos leva a incorporar não só as vivências das mulheres como sujeitos do conhecimento, com seus saberes e suas experiências, mas também nos faça percorrer diferentes caminhos, optar por diferentes formas e instrumentos que se articulam entre si e fundamentalmente nos coloque em uma atitude de ressignificação do ser/fazer pesquisa em diálogo permanente entre teoria e prática.

Desse modo, tomamos por base a práxis feminista para adentrarmos no universo do conflito dos territórios e na vida das mulheres, buscando construir um *conhecimento situado* que leve em consideração o contexto e o tempo histórico de cada uma. Estabelecendo, assim, o compromisso de valorizar e visibilizar seus saberes e suas experiências no âmbito da academia. Por conseguinte, mais do que coletar, entrevistar, observar, nossas experiências e histórias de vida se entrecruzam num exercício de fazer pesquisa optando por uma atitude ética de comprometimento, de respeito e de valorização de saberes, numa tentativa de contribuição com os processos de reconhecimento das mulheres como sujeitos políticos, detentoras de saberes que muito tem a contribuir com a construção do conhecimento científico.

‘Encontro’ com o Problema e Construção dos Caminhos da Pesquisa

O contato estabelecido com a temática e os problemas decorrentes do uso de agrotóxicos, a cada nova aproximação com as comunidades do Baixo Jaguaribe, desde nossa inserção no Movimento 21², foi possível participar de espaços de diálogo sobre o contexto da região, os quais nos possibilitaram descortinar os numerosos problemas sociais e ambientais que estão envolvendo os projetos de desenvolvimento e as

² O Movimento 21 (M21) é composto por diferentes organizações sociais (MST, CPT, Pastorais Sociais, Cáritas, Conlutas) e pesquisadores (Fafidam/UECE, Tramas/UFC). O M21 inicia suas articulações no contexto de discussão e participação na Pesquisa Agrotóxicos em 2006 e se fortalece a partir do assassinato do ambientalista Zé Maria, em 2010, num entrelaçamento entre movimentos sociais e academia, desenvolvendo diálogos de saberes em torno da problemática dos agrotóxicos, do modelo de desenvolvimento, da agroecologia, reforma agrária e agricultura camponesa e a inter-relação entre trabalho, ambiente e saúde.



comunidades camponesas e seus diferentes sujeitos. Nesse âmbito de articulação, podemos adentrar no universo do agronegócio da fruticultura irrigada e, ao mesmo tempo, no cotidiano das comunidades camponesas cercadas por esse projeto e perceber as nuances e entrelinhas do conflito envolvendo os diferentes interesses em disputas no território. As diferentes formas de relação de trabalho e de inserção no modelo produtivo do agronegócio bem como as resistências, nos permitem assinalar a diversidade de trabalhadores/as, camponeses/as que participam desse processo. Tomam parte nesse universo: empregados/as do agronegócio, pequenos agricultores integrados ao agronegócio, irrigantes independentes, pequenos/as agricultores/as de sequeiro, camponeses/as assentados/as, camponeses/as em transição agroecológica, as empregadas da usina de reciclagem, as trabalhadoras do sexo, comerciantes, etc. São numerosas pessoas envolvidas em um processo de subordinação ao modelo produtivo e/ou de resistências a ele. E nossa motivação estava exatamente em analisar as implicações para as mulheres desse modelo no trabalho e no ambiente. Dentro desse processo de busca, nosso objetivo foi identificar suas percepções sobre esse contexto porque consideramos que as evidências sugerem um conflito silencioso que é a realidade das mulheres camponesas nos seus territórios.

Inicialmente, despertaram-nos as questões relativas às relações estabelecidas e vivenciadas pelas mulheres dentro das empresas e suas experiências sobre tal contexto, bem como os conflitos oriundos desse modo de produzir. Mais ainda, investigar as transformações ocorridas com a chegada dos grandes empreendimentos trazidos pelo agronegócio, que repercutem de diferentes formas sobre os diferentes segmentos de mulheres camponesas. Instigou-nos estabelecer o entendimento acerca de problemas sociais como: drogas, violência, prostituição, precarização do trabalho, conflitos ambientais, riscos, vulnerabilidades, incertezas, protagonismo em lutas, articulações em rede, resistências, conhecimentos e ações.

Desse modo, esses antagonismos constituem os elementos que nos fazem querer desvelar e visibilizar os gritos, silêncios e ações vivenciadas por essas mulheres no cotidiano do trabalho e assinalar – por meio da voz - a vida e o pensamento das mulheres que vivem nesse território camponês, bem como as relações sociais e produtivas dessas mulheres em territórios transformados, ou não, pela expansão do agronegócio.

Ademais, promover a análise dos sentidos e significados do emprego das mulheres nas empresas de frutas, do trabalho produtivo das mulheres pequenas produtoras e das artesãs, estudantes e donas de casa. Todas essas questões são necessárias para respondermos a inquietude que nos moveu sobre as implicações da modernização agrícola no trabalho e nos modos de vida e do ambiente das mulheres no contexto do território em conflito.

Para construir o marco teórico-metodológico da compreensão sobre a relação entre modernização agrícola, mulheres camponesas, trabalho e ambiente organizamos um método de investigação que levou em conta o diálogo de saberes acadêmico e empírico para a construção dos olhares de ambiente e de trabalho das mulheres camponesas. Por isso, optamos por uma perspectiva metodológica de natureza dialética e histórica, considerando o permanente processo de transformação do saber, da dinâmica e dialética da vida.



Nossa pesquisa pretendeu-se conhecer aspectos de uma realidade que não está dada ou acabada, mas se encontra em movimento dinâmico. Assim, a construção desse entendimento se deu em diálogo com os conhecimentos trazidos pelas mulheres como sujeitos do processo, saberes construídos em seu cotidiano, nas inter-relações produzidas na vivência camponesa; ou seja, um conhecimento produzido sobre e pelas mulheres enquanto sujeitos da pesquisa.

Outrossim, nossa pesquisa optou por um “fazer ciência” com consciência de seu papel, potencialidades, limites e incertezas. A partir da crítica ao paradigma dominante de ciência e pesquisa pautada na razão e simplificação, conscientes de sua ineficiência em abordar problemas complexos, optamos pela pesquisa qualitativa, definida por Esteban como:

Um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar. Atravessa as Ciências Sociais, Humanas e Físicas. É multiparadigmática, onde as pessoas que a praticam são sensíveis a um valor de um enfoque multimétodo. O campo da pesquisa qualitativa é inerentemente político, atuando por meio de múltiplas posições éticas e políticas. (ESTEBAN, 2010, p. 125)

Apresentamos como eixo norteador a abordagem do conhecimento enquanto resultado da articulação entre o campo teórico e o campo empírico. Para tanto, utilizamos a pesquisa participativa, a qual estabelece relações comunicativas com as pessoas ou grupos da situação investigada, em que pesquisadores participam do contexto investigado, identificam-se com valores e comportamentos (THIOLLENT, 1986). A escolha de tal abordagem se deu em função de considerar e trabalhar com a vivência, a experiência e o cotidiano de vida das mulheres camponesas, assim como pelo desejo de estabelecer “estreitos vínculos com o grupo dos sujeitos pesquisados e integrar-se ao contexto social, ao ponto de colocar-se sob seu ponto de vista e ter sensibilidade para sua lógica e para sua cultura” (MINAYO, 2008, p. 277). Observa-se que essa abordagem está em consonância com o conceito de ecologia de saberes de Boaventura de Souza Santos, que traz na sua essência a ideia de que

Não basta somente reunirmos todo o conhecimento científico produzido pela ciência moderna, mas construirmos um verdadeiro diálogo entre as vozes que emergem dos territórios e que nos trazem informações que não estão nas grandes bases de dados oficiais. Tudo isso trabalhado em conjunto com os grupos acadêmicos locais, engajados na realização de uma ciência capaz de valorizar essas experiências, construindo um conhecimento com grande potencial de transformar esse mundo. (SANTOS, in DOSSIÉ ABRASCO, 2013, p. 15)

Acrescentamos, nesse percurso investigativo, as metodologias feministas como fundamento de nossa pesquisa por pretendermos resgatar experiências “de e com mulheres”. Narvaz e Koller explicitam que nas pesquisas feministas são muito utilizadas as abordagens qualitativas, tais como as narrativas, a pesquisa-ação, os grupos focais, os estudos de caso, as histórias de vida e o método autobiográfico, dentre outras. De acordo com as autoras, a investigação feminista envolve todo um complexo processo que se inicia com o



delineamento dos diferentes métodos a serem utilizados na pesquisa.

Dessa forma, trata-se de um estudo comprometido e engajado, no intuito de contribuir para desvendar situações ocultadas e compreender a complexidade da realidade, estabelecendo conexões entre a categoria gênero e outros campos do conhecimento. Além do mais, as epistemologias feministas entendem que o conhecimento é sempre situado, posicionando-se contra a objetividade e a neutralidade, características da ciência positivista androcêntrica (KELLER, 1985; HARDING, 1986). Nesse sentido, mantemos um olhar sensível, comprometido e rigoroso na percepção dessas mulheres e suas realidades históricas. Os entrecruzamentos das histórias vividas pelas mulheres para compreender o hoje, e nos lançar pistas sobre o futuro, é fundamental na nossa análise sobre a modernização agrícola. Pretendemos assim, buscar ferramentas que nos permitiram adentrar na compreensão acerca do vivido, do aprendido e do significado que as mulheres dão e que abrangem o universo da inter-relação do trabalho e do ambiente, a partir de suas histórias de vida. Na busca por construir as trilhas e as formas que servissem de base para nossa investigação no decorrer da pesquisa, optamos por utilizar algumas ferramentas que mais se adequem à dinâmica da pesquisa. Por isso a nossa escolha pelas técnicas de questionário, entrevistas semiabertas, diário de campo e observação participante.

Escolhemos para a pesquisa diferentes sujeitos que contemplem a diversidade dessas mulheres. A escolha se deu por elos significativos em relação às diferentes formas de trabalho: a) Mulheres empregadas nas empresas do agronegócio; b) Pequenas produtoras; c) Mulheres de trabalhadores de empresas; d) Trabalhadoras da usina de reciclagem de produtos tóxicos; e) Pequenas produtoras irrigantes; f) Donas de casa; g) Sócias da Associação Comunitária; h) jovens estudantes; i) Artesãs; j) Agentes de Saúde. E organizamos em forma de Mandala de Mulheres envolvidas na Pesquisa³.

A escolha por essa diversidade é para mostrar que não existe, de forma homogênea, a mulher camponesa, mas as mulheres com suas diversidades e multiplicidades de identidades sociais, suas diferentes formas de serem sujeitos políticos e suas diferentes identidades culturais, de trabalho e de relação com o ambiente. Essas mulheres têm em comum o trabalho ligado à agricultura; vivem no campo e veem por ângulos diferenciados a relação de conflito com o agronegócio em seus territórios. Nosso objetivo não é aprofundar cada segmento, mas o que nos une na nossa pesquisa são os diferentes olhares e experiências sobre o trabalho, o ambiente e seus conflitos, a partir do processo de modernização da agricultura em curso no território.

Passos Dados no Itinerário da Pesquisa

A nossa pesquisa foi fruto de um longo processo que envolveu motivações, temporalidades e sujeitos diversos. Iniciou-se em 2010, quando nos aproximamos da problemática dos agrotóxicos junto aos movimentos sociais da região, motivada pela pedagogia do território, interconectada com o desejo de estudar

³Escolhemos a *Mandala* como significado de círculo, ou "aquilo que circunda um centro", inspirada nos círculos de cultura do Paulo Freire, mas também por outros significados, como espaço de integração, elo de encontros com histórias, memórias, sentidos, fazeres, como espaço de criação e recriação dos sentidos sobre o trabalho e o ambiente a partir dos olhares das mulheres.



e com a oportunidade de participar de um grupo de pesquisa. A participação nas atividades de campo do *Núcleo Tramas* nos levou a adentrar no cotidiano das famílias camponesas, por meio de um relacionamento próximo e comprometido com o território. Este contato permitiu e possibilitou a troca de experiências e saberes, fortalecendo a ideia que comungamos com Santos (2008) de que estaríamos diante de dois sujeitos e não entre um sujeito e um objeto. Ambos sujeitos de conhecimentos e abertos para aprender.

Desse modo, na tentativa de articular as questões globais e as locais - que afetam as condições de vida das mulheres- bem como levando em conta os processos históricos que engendraram as formas de resistência camponesa e que são mediados pelos conflitos oriundos da modernização agrícola, definimos os procedimentos metodológicos qualitativos, divididos em seis fases: participação em atividades no território; debates nos núcleos de pesquisa (Núcleo Tramas e GPM21); estudo bibliográfico; levantamento documental; trabalho de campo; sistematização dos dados.

As etapas percorridas no decorrer da pesquisa não foram de forma linear: foram desencadeadas em função da necessidade de darmos conta dos objetivos a que nos propusemos. Assim, ora recorriamos aos livros para aprofundamento de temas, de dúvidas e ideias que contribuíssem para nos conduzir ao caminho de um rigor acadêmico; ora atuávamos no campo, quando as questões surgiam. Por vezes, esses movimentos se entrecruzavam. Do mesmo modo, as vivências dessa inter-relação nos impulsionavam a querer saber sempre mais e mergulhar em novas e pulsantes questões, que provinham do território e das falas das mulheres.

De toda forma, organizamos esse nosso percurso por meio de um exercício de sistematização dos passos dados, tal como um/a trabalhador/a que, em sua labuta cotidiana de lavrar a terra, vai aprimorando suas experiências mediante sua relação com a produção. Com ele comungamos e socializamos a experiência de “lavar palavras”; passos que demos nessa trajetória de fazer pesquisa engajada:

- PREPARANDO A TERRA: Os estudos entre as idas e vindas do campo;
- ABRINDO OS SULCOS DA TERRA: A Arte de Semear Processos;
- ÉPOCA DE PLANTAR, OBSERVAR E CUIDAR: definindo passos, reavaliando escolhas e recriando caminhos;
- O PROCESSO DE COLHEITA: colhendo e acolhendo as histórias;
- A ARTE DE DEBULHAR OS FRUTOS COLHIDOS: Sistematização das histórias de vida;
- PARTILHA DOS FRUTOS: Socializando os Saberes e as Experiências das Mulheres no 'Encontro de Socialização e Validação do Trabalho';

Ao todo, foram 18 temas, que reorganizamos posteriormente em cinco categorias: Terra, Produção e Cultura Camponesa; Trabalho; Ambiente; Relações Sociais e Familiares; Saúde. Após essa delimitação, desenhamos um quadro analítico para cada categoria com base no processo de análise das seguintes questões: o que pensam as mulheres; o que dizem o Estado e as leis; o que já foi sistematizado pela academia e o que pensamos sobre essa inter-relação. A atividade de pesquisa culminou com a defesa do trabalho na UFC e teve como novidade a BANCA ACADÊMICA-POPULAR com a presença de todas as mulheres, sujeitos



da pesquisa.

CONCLUSÃO:

Conhecer as mulheres que trilharam conosco essa caminhada de fazer pesquisa, situando-as no seu contexto e nas suas experiências de vida e trabalho, foi parte fundamental para adentrarmos na leitura sobre o trabalho, o ambiente e o contexto que vivem na atualidade. Através da socialização de suas histórias de vida, as mulheres foram reconstruindo suas memórias individuais e coletivas sobre o trabalho e a vida na Chapada e as transformações do lugar e das relações perpassadas pela implantação de uma nova lógica produtiva e de valores. O exercício da historicidade, das memórias e das histórias enunciadas, é relevante no sentido de irmos situando quem fala e de onde fala, atentando para o fato de que essas mulheres modelam o passado de um lugar muito especial no presente, da posição em que ocupa na comunidade, dentro das empresas, na escola, com as crianças, na beira do fogão, lavando roupa, nos quintais, em diálogos com as plantas e com os animais. São palavras que expressam as vivências, os significados que são ditos por muitas vozes, que permanentemente rompe com a leitura linear das etapas da vida quando passam a nos situar em tempos diversos, que perpassam o mundo do trabalho e suas transformações.

Tempos, lugares, experiências, sentidos mostram as mulheres não de forma isoladamente, á parte, individualizadas, mas respeitando suas especificidades, fazendo parte de estratégias de sobrevivência que incluíam a família e a comunidade como um todo. Evidentemente, quem fala o faz do seu lugar e olha para o passado, revisita-o carregado do hoje, das transformações, o passado desse ponto de vista é reconstruído, e é desse lugar que a mulheres o reconstroem, e que buscam elementos para interpretar seu papel na família, na comunidade, para reinterpretar a vida de outras mulheres, o olhar sobre as empresas e sobre o mundo. Amparadas por discursos outros, diálogos entre pares, é assim que as mediações interferem na elaboração do seu discurso sobre si mesma sobre a realidade pulsante em que vivem. Nesse sentido, as narrativas das mulheres evidenciam as complexas imbricações entre as faces da ofensiva do Estado, das empresas e da labuta cotidiana da família e suas buscas por darem sentidos outros as suas vidas. Por isso, trazemos, a partir de suas especificidades, o que é comum a elas, o que elas dizem sobre outras mulheres. Todas começaram a trabalhar na agricultura ainda quando criança, aprendendo com os pais o gosto de trabalhar na terra. Todas falam do amor pelo trabalho, percebem e têm um profundo conhecimento sobre as transformações do lugar, todas estão de seus diferentes modos construindo e reconstruindo a ideia de pertencimento ao lugar em que vivem.

Vindas de uma realidade de pouco acesso ao estudo, todas aprenderam a fazer pela prática, olhando, observando, construindo saberes pela experiência. E têm em comum a vivência dos processos de desterritorialização e arrendamento da terra e veem as doenças como consequência do modo de produzir. A partir das suas singularidades, constroem o olhar para os pequenos acontecimentos cotidianos e fazem uma ponte com as grandes questões que se articulam na experiência, seja em relação às questões ambientais, seja em relação às questões de gênero, seja em relação à saúde, seja em relação ao trabalho.



REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**, FGV Editora, 2005

BANDEIRA, Lourdes. **A contribuição da crítica feminista à ciência**. Rev. Estud. Fem. vol.16 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2008

HARDING, Sandra. **Ciencia y feminismo**. Tradução de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, S.L., 1996

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 2ªEd, São Paulo: Hucitec/Abrasco. 1993.

MINAYO, M.C.S (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NARVAZ, M. G. & KOLLER, S. H. **Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando Pesquisa, Clínica e Política** In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006

NORA, Pierre; **“Entre Memória e História: a problemática dos lugares”**, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

POLLACK, M.; **“Memória, Esquecimento, Silêncio”**; in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

SARDENBERG, Cecilia M. B. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista** In: Feminismo, Ciência e Tecnologia. Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Maria Bacellar Sardenberg. (Org). Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002 Coleção Bahianas; 8.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.